

Estética e filosofia Hori: inovação e cultura brasileira em busca de uma nova epistemologia descolonial para um mundo pós-pandêmico¹

Hori Aesthetics and Philosophy: Innovation and Brazilian Culture in Search of a New Decolonial Epistemology for a Post-Pandemic World

Estética y Filosofía Hori: Innovación y Cultura Brasileña en Busca de una Nueva Epistemología Decolonial para un Mundo Post-Pandémico

Rodolfo Ward

Universidade de Brasília - UnB

E-mail: rodolfoward@unb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8283-2940>

RESUMO

O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” (AITP) surgiu em resposta à crise global da COVID-19, demonstrando a resiliência da comunidade acadêmica e artística brasileira. Este artigo investiga como a crise impulsionou inovações nas práticas artísticas e culturais do Brasil, reconfigurando a arte como meio de resistência e transformação social. Utilizando o descolonialismo antropofágico e a estética Hori, o presente estudo examina como essas práticas abordam as repercussões culturais e sociais da pandemia. O descolonialismo antropofágico, inspirado na antropofagia modernista de Oswald de Andrade, propõe a assimilação crítica de influências culturais externas para criar uma expressão cultural autenticamente brasileira. A estética Hori, baseada nas práticas indígenas amazônicas, redefine a arte como uma prática holística que interliga o espiritual, o comunitário e o ecológico. O AITP incorpora práticas artísticas que refletem esses conceitos, mostrando a capacidade da arte de responder a crises culturais e sociais.

Palavras-chave: *descolonialismo antropofágico; estética hori; arte brasileira; pandemia covid-19; inovação cultural.*

WARD, Rodolfo. Estética e filosofia Hori: inovação e cultura brasileira em busca de uma nova epistemologia descolonial para um mundo pós-pandêmico.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 15, n. 33, jan. 2025

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2025.52838> >

ABSTRACT

The “Art and Innovation in Times of Pandemic” (AITP) project emerged in response to the global COVID-19 crisis, demonstrating the resilience of the Brazilian academic and artistic community. This article investigates how the crisis spurred innovations in Brazilian artistic and cultural practices, reconfiguring art as a means of resistance and social transformation. Using the theoretical lenses of anthropophagic decolonialism and Hori aesthetics, this study examines how these practices address the cultural and social repercussions of the pandemic. Anthropophagic decolonialism, inspired by Oswald de Andrade’s modernist anthropophagy, proposes the critical assimilation of external cultural influences to create an authentically Brazilian cultural expression. Hori aesthetics, based on Amazonian indigenous practices, redefine art as a holistic practice intertwining the spiritual, communal, and ecological. AITP incorporates artistic practices that reflect these concepts, demonstrating the capacity of art to respond to cultural and social crises.

Keywords: *anthropophagic decolonialism; Hori aesthetics; Brazilian art; covid-19 pandemic; cultural innovation.*

RESUMEN

El proyecto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” (AITP) surgió como respuesta a la crisis global de la COVID-19, demostrando la resiliencia de la comunidad académica y artística brasileña. Este artículo investiga cómo la crisis impulsó innovaciones en las prácticas artísticas y culturales de Brasil, reconfigurando el arte como un medio de resistencia y transformación social. Utilizando el descolonialismo antropofágico y la estética Hori, el presente estudio examina cómo estas prácticas abordan las repercusiones culturales y sociales de la pandemia. El descolonialismo antropofágico, inspirado en la antropofagia modernista de Oswald de Andrade, propone la asimilación crítica de influencias culturales externas para crear una expresión cultural auténticamente brasileña. La estética Hori, basada en las prácticas indígenas amazónicas, redefine el arte como una práctica holística que conecta lo espiritual, lo comunitario y lo ecológico. El AITP incorpora prácticas artísticas que reflejan estos conceptos, demostrando la capacidad del arte para responder a crisis culturales y sociales.

Palabras clave: *descolonialismo antropofágico; estética Hori; arte brasileño; pandemia COVID-19; innovación cultural.*

Data de submissão: 31/05/2024

Data de aprovação: 29/10/2024

Introdução

O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” (AITP) nasceu em resposta imediata à crise global provocada pela COVID-19, exemplificando a capacidade de adaptação e resiliência da comunidade acadêmica e artística. Originado como uma série de transmissões ao vivo, o projeto se expandiu para uma publicação colaborativa com mais de cinquenta autores das mais renomadas instituições de ensino superior ao redor do mundo. Este esforço transdisciplinar no ciberespaço reflete um compromisso com a inovação e a inclusão, mirando na geração e disseminação de conhecimento em uma variedade de disciplinas e filosofias que refletem a heterogeneidade da sociedade brasileira.

O projeto abordou a crise sanitária de maneira reativa, promovendo a criação de uma “comunidade afetiva”, na qual a coesão social é fortalecida não por coerção, mas por adesão afetiva ao grupo, por meio da cultura e da arte. Esse pensamento está alinhado com a proposta positiva de Halbwachs (1986, p. 33) de “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, conceituando-a como “comunidade afetiva”. Essa ideia também dialoga com a noção de “memória subterrânea”, que, por meio da história oral, elemento vital das “culturas minoritárias e dominadas”, confronta a “memória oficial”, favorecendo os excluídos, os marginalizados e as minorias. Esse enquadramento se enriquece ao integrar a teoria da antropofagia cultural de Oswald de Andrade, que propõe a assimilação crítica das influências culturais externas para criar algo singularmente brasileiro, refletindo uma resistência que desafia a passividade diante de narrativas dominantes (Andrade, 1928; Halbwachs, 1986).

O projeto AITP se desenvolveu a partir de entrevistas audiovisuais transcritas, que transformaram a oralidade em texto escrito, estabelecendo um novo tipo de “memória oficial” a partir da “memória subterrânea”. Essa transição reflete o processo de antropofagia cultural, no qual absorvemos e transformamos narrativas, enriquecendo nossa compreensão e resposta à pandemia. Ao avançar nessa fusão de memórias e narrativas, o projeto nos guia através de uma crítica construtiva ao legado colonial em nossas práticas culturais, incentivando uma reinterpretação dessas memórias no contexto contemporâneo das artes, das ciências humanas e das ciências sociais. Essa discussão serve de ponte para a introdução dos conceitos teóricos a seguir, destacando como a inovação artística, filosófica e cultural pode responder de maneira significativa às crises globais. “Apesar da

significativa doutrinação ideológica, essas memórias, confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração para outra oralmente e não por meio de publicações, permanecem vivas” (Pollack, 1989, p. 6), demonstrando a persistência de uma “memória subterrânea” que se alimenta das estruturas dominantes para reformular a identidade cultural em novos termos.

A pandemia de COVID-19, qualificada como um divisor de águas na história contemporânea, não apenas reconfigurou a dinâmica global – social, econômica e política –, mas também instigou uma introspecção crítica e profunda nos campos da filosofia, da arte e da cultura no Brasil e no mundo, fomentando diálogos sobre a reestruturação cultural e resistência por meio das perspectivas do descolonialismo (Santos, 2020). Dentro desse contexto, o projeto AITP surge como uma intervenção crítica, navegando através das lentes do descolonialismo antropofágico e das estéticas Hori. Situada dentro da virada “decolonial” mais ampla, essa iniciativa desafia os legados coloniais embutidos nas práticas culturais brasileiras e repensa o papel da filosofia e da arte como um conduto para a transformação social e para a resistência. Baseando-se na noção de “opção decolonial” de Mignolo (2020), este projeto busca dismantelar as estruturas duradouras de poder colonial e produção de conhecimento que prevalecem no setor cultural e acadêmico.

Durante a pandemia, iniciativas como o projeto de *lives* e a arte computacional demonstraram significativas adaptações culturais ao transformarem o espaço digital em plataformas para performances artísticas e diálogos acadêmicos. O projeto de *lives*, uma resposta às restrições de distanciamento social, não só sustentou a continuidade das atividades culturais, mas também ampliou seu alcance a um nível global, evidenciando a resiliência e a capacidade inovadora do setor cultural (Ward, 2023). Paralelamente, a arte computacional, com artistas como Suzete Venturelli à frente, adaptou-se às novas realidades do isolamento social, expandindo as possibilidades da arte digital. As obras produzidas durante esse período engajaram o público através de acessos digitais e refletiram sobre a interação humana em um contexto cada vez mais digital, demonstrando como a tecnologia pode impulsionar novas formas de expressão artística em tempos de restrições físicas (Venturelli, 2023).

A crise gerada pela COVID-19 propiciou um momento único de reflexão e experimentação, no qual artistas e teóricos foram impelidos a repensar não apenas o papel da arte, mas também as estruturas culturais existentes. Esse cenário de incerteza e mudança acelerada estimulou uma reexplo-

ração das tradições e práticas artísticas, dando destaque ao projeto AITP, que se tornou um experimento para a reimaginação da cultura e arte brasileiras em tempos de pandemia. O projeto AITP serviu como um laboratório vital para essa experimentação, na qual os conceitos de descolonialismo antropofágico e estética Hori foram não apenas discutidos, mas vivenciados e manifestados através da criação da complexa obra AITP. O movimento, inspirado pela proposta de Oswald de Andrade de “devorar” influências culturais estrangeiras para criar uma expressão cultural genuinamente brasileira, uma identidade cultural brasileira, agora é reinterpretado para contestar e reconfigurar não apenas as influências externas, mas também para reavaliar as dinâmicas internas em um contexto de neocolonialismo e crise global. Nesse processo, o projeto AITP e as iniciativas similares atuam como catalisadores, transformando a teoria em prática e permitindo que a arte funcione como um veículo de resistência e renovação cultural.

A estética Hori e o descolonialismo antropofágico representam um arcabouço teórico que reconfigura as práticas artísticas e culturais como mecanismos de suporte e resistência comunitária, especialmente em resposta à crise pandêmica. Essa abordagem transdisciplinar, detalhada neste estudo, valoriza narrativas frequentemente marginalizadas e desafia as convenções e hierarquias de poder tradicionais, promovendo uma nova epistemologia que integra saberes marginalizados. No contexto do AITP, exploramos esses conceitos por meio de lives que propõem redefinir a cultura brasileira, enfatizando a importância de uma metodologia adaptativa e transdisciplinar que aborda a complexidade da crise sanitária. Essa metodologia incorpora a serendipidade, que Catellin (2014) descreve como uma fusão de elementos racionais e imaginativos, e a indisciplinaridade, que Loty (2012) vê como uma abordagem que ultrapassa as fronteiras das disciplinas tradicionais, fomentando inovações e descobertas científicas. Este estudo inicial sobre a filosofia Hori e seu impacto no patrimônio cultural imaterial brasileiro estabelece uma base para futuras pesquisas detalhadas e desenvolvimentos metodológicos.

Assim, procedemos à coleta e análise de dados, utilizando ferramentas que nos permitiram explorar em profundidade os mecanismos de inovação e resistência que emergiram nesse período crítico, reforçando o vínculo entre teoria e prática na nossa investigação.

Serendipidade e sua aplicação na pesquisa AITP

A serendipidade, conceito amplamente discutido por Sylvie Catellin e Laurent Loty, é definida como a “arte de prestar atenção àquilo que surpreende e imaginar uma interpretação apropriada” (Catellin; Loty, 2024, p. 3). Derivada do termo cunhado por Horace Walpole, em 1754, descreve a capacidade de fazer descobertas valiosas por acaso e sagacidade. Contudo, como argumentam os autores, o acaso é apenas um ponto de partida; o que realmente define a serendipidade é a interação entre razão e imaginação, possibilitando interpretações inovadoras de fenômenos inesperados (Catellin, 2014). A descoberta da penicilina por Alexander Fleming é frequentemente citada como exemplo paradigmático, na qual um evento inicialmente fortuito levou a uma das maiores revoluções na medicina devido à atenção e criatividade do pesquisador (Merton; Barber, 2004).

A abordagem serendipitosa requer “permitir-se surpreender” e “imaginar uma razão para o que surpreende” (Catellin; Loty, 2024, p. 5). Essa perspectiva rompe com a linearidade dos métodos científicos tradicionais ao enfatizar flexibilidade e receptividade a eventos imprevistos, frequentemente resultando em mudanças de paradigma. Dois exemplos clássicos ilustram essa abordagem: a descoberta do neutrino e a arqueologia de Howard Carter.

No caso do neutrino, um problema inesperado na física levou a uma solução serendipiana. Wolfgang Pauli, ao observar que o núcleo e o elétron resultantes da desintegração radioativa não carregavam toda a energia disponível, propôs a existência de uma partícula hipotética, o neutrino, para explicar essa anomalia. Embora o conceito tenha sido formulado em 1930, a detecção experimental só ocorreu 26 anos depois, demonstrando como uma observação surpreendente pode gerar hipóteses inovadoras que desafiam os limites do conhecimento estabelecido (Lévy-Leblond; Witkowski, 2001).

Já na arqueologia, a descoberta do túmulo de Tutancâmon por Howard Carter exemplifica a aplicação da serendipidade em um contexto investigativo. Carter reexaminou detalhes que haviam sido negligenciados por outros arqueólogos, como áreas de entulhos cobertas por expedições anteriores, e reinterpretou objetos encontrados em tumbas saqueadas. Sua atenção aos detalhes e sua imaginação permitiram que ele desafiasse as expectativas e localizasse o túmulo, transformando a arqueologia do Vale dos Reis (Carter, 2011).

Na pesquisa AITP (Arte e Inovação em Tempos de Pandemia), a serendipidade se manifesta na capacidade de identificar e reinterpretar fenômenos culturais e artísticos emergentes durante a crise sanitária global. Assim como Fleming, Pauli e Carter, a equipe do AITP adotou uma postura investigativa aberta e receptiva, conectando elementos aparentemente desconexos para gerar novos *insights*. Esse modelo de abordagem serendipitosa não apenas desafia métodos tradicionais, mas também permite explorar caminhos inovadores que contribuem para a reestruturação cultural e a resistência através da arte e da filosofia.

Metodologia

O projeto foi concebido de forma transdisciplinar, visando integrar conhecimentos de diversas áreas, incluindo arte, direito, filosofia, cultura tradicional, desenvolvimento sustentável, cultura digital, inovação e serendipidade (Ward, 2023). A metodologia adotada refletiu a necessidade de responder às complexidades introduzidas pela pandemia da COVID-19, promovendo uma integração efetiva entre teorias acadêmicas e aplicações práticas.

A empreitada integrou práticas indisciplinares para criar um espaço inclusivo e diversificado no ciberespaço, refletindo teorias descoloniais que propõem a ruptura com paradigmas tradicionais e uma reformulação das práticas artísticas e culturais em resposta a crises globais (Walsh, 2009). Incorporando a teoria descolonial de Walsh (2009), o artigo discute como o descolonialismo antropofágico e a estética Hori remodelam a paisagem cultural brasileira, promovendo uma arte que é, ao mesmo tempo, um ato de resistência e uma reafirmação da identidade cultural. Este artigo analisa a maneira pela qual a iniciativa empregou o descolonialismo antropofágico e a estética Hori, dois conceitos revolucionários que estão sendo desenvolvidos nesta pesquisa. Tais conceitos desafiam as convenções artísticas tradicionais e ampliam nossa compreensão sobre as dinâmicas de resistência e renovação na cultura brasileira.

As entrevistas audiovisuais foram conduzidas com artistas, teóricos e membros da comunidade, utilizando plataformas digitais como *Instagram* e *YouTube*. Os participantes foram selecionados com base em sua relevância para os temas abordados no projeto. Cada entrevista teve duração média de uma hora e seguiu um roteiro semiestruturado, permitindo uma discussão aberta e dinâmica. Foram realizadas 12 *lives* iniciais nas plataformas de redes sociais, seguidas por mais 10 *lives*

com artistas tocantinentes. As transmissões ao vivo abordaram uma variedade de temas culturais e envolveram pesquisadores, artistas e membros de comunidades tradicionais. Os dados foram analisados qualitativamente, utilizando métodos de análise de conteúdo. As entrevistas e transmissões ao vivo foram transcritas e codificadas, identificando temas recorrentes e padrões nas práticas artísticas. A interpretação dos dados foi realizada à luz dos conceitos teóricos de descolonialismo antropofágico e estética Hori, permitindo uma compreensão aprofundada das dinâmicas descoloniais em ação.

A metodologia deste estudo reflete uma abordagem serendipitosa e indisciplinar, essencial para capturar a essência inovadora do AITP, alinhando-se com metodologias emergentes que enfatizam a flexibilidade e a adaptabilidade em pesquisas transdisciplinares (Escobar, 2018). A serendipidade se manifestou no AITP através da descoberta não planejada de conexões interdisciplinares e colaborações que surgiram durante as transmissões ao vivo, nas quais diálogos espontâneos entre especialistas de áreas distintas geraram *insights* inovadores. Essas interações revelaram a riqueza de uma abordagem indisciplinar, que desafia as fronteiras tradicionais do conhecimento acadêmico e cultural. Com o foco em agregar e gerar conhecimentos que refletem a heterogeneidade da sociedade, especialmente a brasileira, o AITP se tornou um modelo exemplar de como a arte e a ciência podem convergir para interpretar e moldar as respostas à crise sanitária global. Através de um *design* metodológico flexível, foi possível acomodar a diversidade de perspectivas e expertises, facilitando uma interação rica e produtiva entre os participantes, desde as artes visuais até as ciências sociais. A coleta de dados foi realizada através de análises qualitativas de conteúdos gerados durante as diversas atividades do projeto, incluindo *webinars*, oficinas virtuais e publicações colaborativas. Esse método ressaltou a importância da flexibilidade e da adaptação às circunstâncias variáveis impostas pela pandemia, enfatizando como a serendipidade e a indisciplinaridade podem conduzir a descobertas significativas e novos entendimentos sobre as práticas artísticas e culturais em tempos difíceis.

Este artigo adota uma abordagem metódica para explorar a aplicação e expressão dos conceitos de Antropoceno, descolonialismo antropofágico e estética Hori por meio de obras e intervenções artísticas durante a pandemia. A estrutura do texto começa com uma revisão teórica, seguida de análises detalhadas de casos específicos que demonstram como essas ideias se manifestam na

prática artística contemporânea, iluminando possíveis futuros para a política e cultura no Brasil. Além disso, o artigo investiga as respostas mais amplas da sociedade brasileira à pandemia, destacando como o projeto AITP promoveu adaptabilidade e inovação, reconfigurando as relações entre sociedade, cultura e ambiente natural. Este estudo não apenas reflete sobre a capacidade de resposta artística e teórica às crises, mas também evidencia como a arte pode servir como um catalisador para a renovação cultural e a mudança, reafirmando sua relevância como um meio de reflexão, crítica e imaginação social, conforme discutido por Castro Gómez e Grosfoguel (2007).

Sob a influência da teoria descolonial antropofágica e do conceito Hori, o papel da arte se destaca não apenas por sua adaptabilidade durante crises, mas também pelo seu potencial para influenciar profundamente as relações sociais e ambientais. Essa capacidade de transformar interações reflete-se em como as práticas artísticas e culturais podem prever mudanças na narrativa geológica atual, interligando o espiritual, o ecológico e o comunitário em um novo paradigma que pode moldar futuras realidades geológicas. As iniciativas artísticas durante a pandemia, ao explorarem conexões mais profundas entre o ser humano e o meio ambiente, sugerem uma reconfiguração das nossas respostas às mudanças ambientais globais, desafiando e potencialmente redefinindo nossa compreensão do Antropoceno. Esse período, definido pela influência dominante das atividades humanas sobre o planeta, proporciona um contexto crucial para nossas análises, especialmente durante a pandemia de COVID-19, reforçando a necessidade de reavaliar práticas culturais e artísticas que enfrentam esses desafios ambientais e sociais emergentes.

A seção seguinte aprofunda a definição do Antropoceno e prepara o terreno para discutir como o descolonialismo antropofágico e a estética Hori, ambos críticos das estruturas de poder tradicionais e valorizadores de perspectivas marginalizadas, oferecem *frameworks* teóricos para compreender e responder às características desse novo contexto geológico. Ao integrar essas discussões, propomos uma análise que não só aborda as questões imediatas trazidas pela pandemia mas também reflete sobre as implicações mais amplas do Antropoceno na transformação das expressões culturais e artísticas, prenunciando mudanças significativas em nossa era geológica e incentivando uma nova consciência sobre interconexões e responsabilidades ecológicas.

A nova era geológica

Ao explorar o impacto das práticas artísticas na crise climática, observa-se que a arte não apenas reflete, mas também pode moldar percepções e ações relativas às mudanças na nova era geológica. A arte emerge como um espelho da realidade e um poderoso agente de mudança, influenciando nosso entendimento e respostas às transformações ambientais. Nesse contexto, é fundamental reconhecer como as práticas artísticas contribuem para formar novas narrativas geológicas e ambientais. A próxima seção abordará como a integração de abordagens transdisciplinares e inovações culturais podem gerar respostas adaptativas que simultaneamente refletem e influenciam nosso contexto geológico em evolução, fomentando uma compreensão mais aprofundada e ações coordenadas diante dos desafios do Antropoceno.

Haraway (2017), em *Pensamento tentacular: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno*, articula como as atividades humanas têm transformado irreversivelmente o ambiente global, definindo nossa era como o “Antropoceno”, marcado por impactos significativos das ações humanas, como as mudanças climáticas devidas à queima de combustíveis fósseis. Haraway (2017) amplia a conscientização sobre a necessidade de uma resposta cultural e científica integrada. Complementando essa visão, Jason Moore (2022) discute como o Antropoceno também reflete as relações econômicas e políticas que moldam nosso uso dos recursos naturais, interligando aspectos econômicos, sociais e ambientais. Haraway (2017) introduz o “Capitaloceno”, criticando o papel do capitalismo nas transformações ambientais e a exploração intensiva de recursos para lucro, que exacerbam os desafios ecológicos. Essa análise ressalta a importância das práticas culturais e artísticas como respostas críticas e criativas, exploradas pelos artistas do projeto AITP, que buscam formular narrativas alternativas que promovam a sustentabilidade e a coexistência ética.

Haraway (2017) também propõe o termo “Chthuluceno”² como uma alternativa ao Antropoceno, um termo que descreve a era geológica dominada pela influência humana, mas que, segundo ela, não aborda adequadamente a complexidade das interconexões entre todas as formas de vida. Por meio das lentes do Chthuluceno, a autora enfatiza a necessidade de práticas de se-tornar-com, promovendo uma colaboração mais profunda entre humanos e não humanos. Essa visão é paralela ao enfoque adotado nas práticas artísticas discutidas no artigo, no qual a arte serve como um meio de engajamento comunitário e um catalisador para a conscientização e ação ambiental. Assim, ao

WARD, Rodolfo. Estética e filosofia Hori: inovação e cultura brasileira em busca de uma nova epistemologia descolonial para um mundo pós-pandêmico.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 15, n. 33, jan. 2025
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2025.52838> >

documentar e refletir sobre essas respostas artísticas à atual conjuntura ambiental contemporânea, o artigo ilustra como a arte, sob a influência do pensamento de Haraway, pode desempenhar um papel crucial na reconfiguração das relações entre a sociedade, a cultura e o ambiente natural. Essa abordagem propõe uma nova epistemologia que valoriza as narrativas frequentemente marginalizadas pela história oficial, apontando para a arte como um campo fértil para a inovação e mudança cultural em resposta às exigências do Chthuluceno. Haraway (2017, p. 13) cita dois pesquisadores brasileiros:

Antropólogos e filósofos brasileiros Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski exorcizam noções persistentes de que Gaia é confinada aos antigos Gregos e as subsequentes Euroculturas em suas reconfigurações das urgências dos nossos tempos na conferência pós-eurocêntrica “Mil Nomes de Gaia”. Nomes, não faces, nem formas do mesmo, algo além, mil outras coisas continuam falando de uma contínua, conectada, generativa e destrutiva mundialização e remundialização dessa Era da Terra. Precisamos de outra figura, mil nomes de outra coisa que emergja no Antropoceno em outra uma narrativa suficientemente grande. Picada nas florestas vermelhas da Califórnia, pela aranha Pimoa chthulhu, eu desejo propor a sinuosa Medusa e as mundializações de seus antecedentes, afiliados e descendentes. Talvez a Medusa, a única Gorgon mortal, nos leve aos holobiomas da Terra-polis e eleve nossas chances de colidir os navios dos Heróis do século XXI num recife de coral vivo em vez de permitir que eles suguem a última gota de combustível fóssil das rochas mortas.

Viveiros de Castro e Danowski (2014) buscam reinterpretar e expandir o conceito de Gaia além das raízes eurocêntricas. A complexidade das relações entre os povos indígenas e seus ambientes também é amplamente explorada no trabalho do pesquisador brasileiro Laymert Garcia dos Santos (2014), especialmente em sua análise dos desenhos Yanomami em *Projeções da terra-floresta: o desenho-imagem Yanomami*. Seu estudo revela como esses desenhos são expressões de uma realidade vivida que transcende a mera representação artística, englobando uma fusão de elementos espirituais, ambientais e sociais. Santos (2014) discute o conceito de “terra-floresta” como uma entidade viva e pulsante, essencial para a compreensão da ontologia Yanomami, que não vê a terra simplesmente como recurso, mas como parte integrante de sua existência e cultura (Santos, 2014; Albert, 2003). Além disso, o autor explora como os desenhos Yanomami funcionam como um “modo mágico de existência” (Santos, 2014, n.p.), uma noção que ressoa com as ideias de Simondon (1969) sobre a existência pré-individual e a individuação. A análise de Santos (2014) proporciona um contraponto crítico ao modelo de exploração e objetificação da natureza, comum

no pensamento ocidental. Seu trabalho nos convida a repensar a relação entre tecnologia e tradição, evidenciando como os conhecimentos indígenas podem contribuir para debates contemporâneos sobre sustentabilidade e tecnologia.

O Chthuluceno, conforme discutido por Haraway (2017), ressoa profundamente com as cosmovisões indígenas dos povos originários do Brasil, como os Yanomami, Tukanos e Kayapó, cujas visões de mundo enfatizam a inseparabilidade entre seres humanos e não-humanos e a sustentabilidade dos ecossistemas. A integração do Chthuluceno nas políticas contemporâneas exige uma reavaliação das abordagens de conservação e desenvolvimento para incorporar práticas que respeitem a interdependência das formas de vida, oferecendo uma crítica às políticas ambientais que muitas vezes excluem conhecimentos indígenas essenciais sobre a sustentabilidade. Esse conceito não apenas propõe um reexame das práticas ambientais, mas também sugere um caminho pragmático para políticas futuras, promovendo uma ética de cuidado mútuo e responsabilidade compartilhada. No entanto, a aplicação do Chthuluceno na América Latina revela suas limitações ao confrontar as especificidades locais, como as histórias de desapropriação territorial e os sistemas de conhecimento que são frequentemente marginalizados em narrativas globais. Essa perspectiva, portanto, não apenas desafia os métodos convencionais de engajamento ambiental, mas também necessita de uma análise focada nas realidades socioambientais e culturais específicas da região, evidenciando a importância de adaptar o modelo do Chthuluceno para refletir as complexidades locais na América Latina.

Perspectivas Latino-Americanas sobre o Antropoceno: desafios sociais e ambientais

A pesquisadora Ulloa (2019) aborda o conceito de “Antropoceno” e suas implicações, particularmente na perspectiva latino-americana. Ela questiona o Antropoceno como um conceito que enfatiza o papel da humanidade na transformação do mundo biofísico e na problemática ambiental global, destacando que esse conceito pode negligenciar as relações de poder e as desigualdades sociais que desempenham um papel fundamental na América Latina.

Ulloa (2019) observa que o Antropoceno desencadeou discussões sobre a importância das análises históricas e sociais em relação à natureza, levando a mudanças nos fundamentos conceituais, metodológicos e políticos das ciências humanas e sociais. Isso permitiu que o conhecimento acadêmico desempenhasse um papel direto na tomada de decisões relacionadas a problemas ambientais, como mudanças climáticas, redução da biodiversidade e questões de extrativismo.

No entanto, Ulloa (2019) destaca que o debate sobre o Antropoceno na América Latina difere do que ocorre na Europa ou nos Estados Unidos. Isso ocorre porque a noção de Antropoceno se concentra em questões globais, muitas vezes ignorando as histórias locais de desapropriação territorial e ambiental na América Latina. Além disso, o Antropoceno tende a ignorar as perspectivas culturais e os sistemas de conhecimento locais que se baseiam em relações específicas entre humanos e não humanos. Diante dessas questões, Ulloa (2019) propõe um debate sobre os conceitos de “Capitaloceno” e “Antropoceno”. O Capitaloceno, segundo ela, critica o Antropoceno, enfatizando que as transformações ambientais são causadas não apenas pelas ações humanas diretas, mas também pelas relações políticas e econômicas de poder e desigualdade no contexto do capitalismo global.

Ulloa (2019) aborda diferentes perspectivas do Antropoceno na América Latina, destacando-o como uma oportunidade política para repensar relações sociais e ambientais. Ela menciona o “manifesto Antropoceno en Chile”, que propõe repensar essas relações com base em justiça socio-ambiental, transdisciplinaridade e respeito à diversidade. Ulloa enfatiza a importância de considerar questões locais, relações de poder e perspectivas culturais na análise das transformações ambientais, propondo alternativas ao capitalismo e incorporando visões de mundo de povos indígenas e outras sociedades que não baseiam suas relações na apropriação econômica da natureza.

Descolonialismo antropofágico e reconfigurações epistemológicas: a arte e a pesquisa como ferramentas de transformação linguística e cultural

Na contemporaneidade teórica dos estudos “decoloniais” e pós-coloniais, a escolha terminológica reflete não apenas concepções teóricas mas também contextos históricos e culturais específicos das pesquisas. Oliveira (2021), coordenadora do grupo Experiências Descoloniais, oferece uma

análise crítica sobre as diferenças entre “decolonial” e “pós-colonial”, salientando as implicações de cada termo. Segundo Oliveira, o termo “descolonial”, em uso desde a década de 1950 e frequentemente vinculado às discussões pós-coloniais africanas, foi distintamente definido no contexto latino-americano por Catherine Walsh, da Universidade Andina Simón Bolívar, como parte do grupo Modernidade/Colonialidade. Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009) definem “Descolonial” como relacionado ao processo histórico de descolonização, isto é, a superação do colonialismo europeu em suas formas diretas de dominação política, social e cultural. Por outro lado, “decolonial” trata da superação da “colonialidade”, que se refere à persistência das estruturas de poder, conhecimento e ser coloniais mesmo após o término da dominação colonial direta. Este termo sublinha a luta contínua contra os vestígios coloniais nas estruturas sociais, econômicas e epistêmicas, buscando romper com a base epistêmica da modernidade, intrinsecamente ligada à colonialidade.

Suprimir o “s” e nomear “decolonial” não é promover um anglicismo. Pelo contrário, é marcar uma distinção com o significado em espanhol do “des”. Não pretendemos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial; isto é, passar de um momento colonial para um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e marcas deixassem de existir. A intenção, mais bem, é sinalizar e provocar um posicionamento – uma postura e atitude contínua – de transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua no qual podemos identificar, visibilizar e encorajar “lugares” de exterioridade e construções alternativas (Walsh, 2009, p. 14-15).

Walsh (2009) propõe “decolonial” como uma abordagem para desmontar ativamente os legados coloniais, indo além da mera transição de um estado colonial para um não colonial (Oliveira, 2021). Essa visão enfatiza a necessidade de um processo ativo de reconfiguração das realidades pós-coloniais. Oliveira (2021) adota inicialmente “decolonial”, conforme o grupo Modernidade/Colonialidade, mas, após análise de De Bona e Ribeiro sobre “des-” no português brasileiro, opta por “descolonial”. Eles concluem que “des-” implica reversão, tornando “descolonial” mais adequado para refletir a intenção de reverter processos coloniais (Oliveira, 2021).

Em um mundo cada vez mais atento às nuances de poder e representação, a linguagem desempenha um papel crucial na desconstrução de narrativas coloniais e na reconfiguração de identidades culturais. A evolução semântica do prefixo “des-” no português brasileiro, que passou a enfatizar a reversão de processos ou estados em vez de simples negação, reflete uma mudança

significativa na forma como percebemos a ação e a resistência contra estruturas opressivas. Esse movimento linguístico, examinado por De Bona e Ribeiro (2018), ressoa com as teorias de horizontalidade de poder de Hardt & Negri (2004) e encontra profunda consonância nos estudos “decoloniais” de Castro Gómez e Grosfoguel (2007), Mignolo (2022) e Walsh (2009), que enfatizam a necessidade de libertar nossas sociedades das amarras do pensamento colonial. Os estudos “decoloniais” procuram uma ruptura definitiva com os legados coloniais que ainda permeiam as estruturas de poder e conhecimento, destacando a importância de descolonizar os saberes e de promover uma interculturalidade crítica que valorize as epistemologias indígenas e afrodescendentes. Nesse contexto, a semântica de “des-” torna-se uma ferramenta poderosa para articular ações de desmonte das camadas de dominação colonial e para reafirmar a autonomia cultural, especialmente para os falantes da língua portuguesa brasileira.

A utilização de “des-” na pesquisa artística em português brasileiro representa um posicionamento político e epistemológico, valorizando raízes culturais marginalizadas pelo colonialismo. Esse prefixo, ao focar na reversão de práticas coloniais, promove uma reflexão crítica sobre a formação e representação das identidades culturais, ligando arte e pesquisa à equidade e justiça social. A abordagem “des-” não só reforça a cultura brasileira, ao questionar hierarquias coloniais, mas também contribui para uma compreensão de como a linguagem e a arte podem construir futuros descoloniais, conforme Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009).

Objetivando contribuir para a formação da cultura brasileira, este trabalho adota uma perspectiva descolonial e se distancia das tendências efêmeras que frequentemente dominam o ambiente acadêmico. A língua falada no Brasil, reconhecida por sua diversidade, não é fruto exclusivo das influências portuguesas, mas foi também significativamente moldada por contribuições indígenas (inclusive deram nome a vários rios, municípios etc.), africanas e de outros migrantes europeus. Essa abordagem reflete a necessidade, conforme discutido por Oliveira (2021), de contextualizar e adaptar os conceitos teóricos às realidades linguísticas e culturais específicas de cada região. A escolha do termo “descolonial” destaca o compromisso com a precisão linguística e o processo ativo de descolonização, rejeitando a simples negação dos legados coloniais. Assim, a investigação de Oliveira (2021) ressalta a importância de uma metodologia crítica e adequadamente contextua-

lizada na formulação de uma nova episteme, contribuindo de maneira crítica, científica, artística e filosófica para o enriquecimento dos estudos descoloniais no Brasil. A diferenciação entre os termos articula-se em dimensões teóricas e geopolíticas.

Antropofagia cultural e convergência epistêmica: reconfigurando saberes para uma cultura brasileira inovadora

Neste estudo, adotamos a abordagem antropofágica, que valoriza e integra saberes globais, mantendo, em um primeiro momento, suas origens intactas, seja europeia, norte-americana, sul-americana ou oriental. Essa perspectiva não busca renegar o legado intelectual existente, mas sim recontextualizá-lo em uma moldura que considera tanto o colonialismo quanto o descolonialismo como estruturas de poder que moldam sociedades por meio da criação de metanarrativas.

Nosso objetivo é transcender a simples criação do novo, ao integrar saberes científicos, artísticos, culturais e filosóficos com os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas brasileiros, estabelecendo um diálogo equitativo que fomente a convergência desses múltiplos conhecimentos. Essa fusão visa a cultivar uma prática cultural brasileira contemporânea que seja tanto reflexo da tradição quanto resposta aos desafios atuais, criando um terreno fértil para a renovação cultural sustentável.

O descolonialismo antropofágico, inspirado na teoria da antropofagia cultural de Andrade (1928), propõe devorar e transformar influências culturais externas não para negá-las, mas para integrá-las em uma visão de mundo que abraça tanto o global quanto o local. Assim, essa abordagem não é um retorno ou retrocesso, mas um avanço consciente e sustentável que utiliza a diversidade de saberes para construir novas realidades culturais e sociais. Incorporamos também a teoria da convergência de Henry Jenkins (2006), que argumenta que a era digital facilitou a convergência de diversos meios de comunicação, culturas e audiências, resultando em um fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas midiáticas. Esse conceito é relevante para entender como saberes e práticas de origens distintas podem ser entrelaçados de maneira produtiva. Aplicando essa perspectiva à teoria descolonial antropofágica, percebemos que a convergência não é apenas tecnológica ou midiática, mas fundamentalmente cultural, na qual diferentes tradições e estéticas se encontram e se reconfiguram.

Ao posicionar conhecimentos científicos, artísticos, culturais e filosóficos lado a lado com os saberes dos povos tradicionais, praticamos uma antropofagia epistemológica que promove uma verdadeira fusão epistêmica. Esse processo não apenas iguala esses saberes, mas também avança em direção a uma compreensão holística e integrada da realidade, na qual o ancestral e o contemporâneo convergem, configurando novas formas de interação cultural. Adotar a teoria da convergência no contexto do descolonialismo antropofágico reconhece a multiplicidade e interconectividade dos saberes, reforçando a ideia de que a prática cultural brasileira resulta de múltiplas convergências. Esse espaço de diálogo, experimentação e renovação permite que o novo emergja do encontro de diferentes tradições e perspectivas, promovendo uma sociedade mais inclusiva e diversificada, consciente de sua riqueza epistemológica e cultural.

Estética Hori: arte, filosofia e transcendência

No coração da cultura Tukano, povo indígena que habita a região noroeste da Amazônia brasileira, reside a estética Hori, um conceito que desafia as definições ocidentais tradicionais de arte. A estética Hori também faz parte da tradição dos Kayapós, etnia que habita as regiões dos estados do Pará, Mato Grosso e São Paulo. Essa estética não apenas reflete a criatividade e a riqueza cultural dessas comunidades, mas também serve como um pilar fundamental da sua identidade e continuidade cultural. Como destacado por Basso (1995), as práticas artísticas indígenas são formas de comunicação intracultural que preservam a história e os valores comunitários, com a estética Hori exemplificando como elementos visuais e materiais podem ser carregados de significados profundos e histórias coletivas.

Não existe uma palavra para arte dentro do nosso pensamento. Eles não têm o sistema de arte, esse conceito de arte como a gente pensa falando português ou inglês ou francês, pensando em termos europeus. Esse é um conceito de arte forjado ao longo de séculos, séculos e milênios. O mais próximo que eu achei até agora para definir, na língua do povo Tukano, é hori, que é a miração. Porque hori nomeia aquilo que é chamado de grafismo, as expressões gráficas, os desenhos, seja a pintura das cerâmicas, as pinturas corporais da estrutura das casas, as cestas, os trançados, os petróglifos nas pedras dos rios: tudo aquilo é hori. E o hori não designa somente o desenho (Tukano, 2023, n.p.).

A concepção indígena da arte, conforme elucidado por Tukano (2023), desafia a compreensão ocidental tradicional de arte, revelando uma complexidade intrínseca que transcende a mera estética ou poética e adentra a filosofia. Tukano (2023) diz que os povos indígenas, especificamente o povo Tukano, não possuem um termo direto equivalente à “arte” dentro de seu vocabulário ou esfera conceitual, conforme entendido através de lentes europeias. O termo “Hori”, que se aproxima mais da noção de arte para os Tukano, refere-se a uma miração ou visão, englobando não apenas as expressões gráficas visíveis como grafismos, pinturas corporais e estruturas arquitetônicas, mas também o invisível, abarcando visões espirituais, sonhos e imaginações que vão além da percepção visual comum. Essa explicação ressalta uma abordagem holística e integrada à visualidade, na qual o Hori atua como um veículo para expressões culturais profundas que encapsulam tanto o domínio físico quanto espiritual, desafiando as categorizações simplistas e superficiais frequentemente impostas pela crítica ocidental. Assim, a arte indígena, ou “Hori”, conforme contextualizado por Tukano (2023), manifesta-se como uma prática rica e multidimensional que permeia todos os aspectos da vida e do conhecimento indígena, destacando uma relação com a visualidade que é distintamente complexa e intrinsecamente interligada com o tecido da existência e percepção indígena.

Para alguns artistas indígenas contemporâneos, como Jaider Esbell³ e Daiara Tukano, Hori não é simplesmente uma forma de expressão visual; é uma experiência transcendental alcançada através da ingestão do Caapi (Ayuhasca),⁴ que desbloqueia visões espirituais profundamente enraizadas em sua cosmovisão. Essas visões se materializam em desenhos sagrados que adornam uma vasta gama de objetos, desde cerâmicas a pinturas corporais, cada um carregando significados simbólicos que conectam o povo indígena ao sagrado.

Através da ingestão da Ayuhasca, uma substância enteógena, os Tukanos alcançam um “estado alterado” (Morin, 2017) de “miração” ou Hori, o qual se manifesta em uma profusão de desenhos sagrados. Esses desenhos, incorporados em uma ampla variedade de objetos cotidianos e cerimoniais – desde cerâmicas e cestarias até bancos e pinturas corporais –, são não apenas decorativos, mas também profundamente simbólicos, refletindo as cores, formas e vibrações do mundo, conforme percebido através dessa experiência transcendental. Hori, portanto, é mais do que arte; é uma ponte entre o material e o espiritual, o visível e o invisível, evidenciando a rica confecção

cultural e espiritual do povo Tukano. Esse conceito é emblemático do patrimônio coletivo do povo Tukano, servindo como um veículo para as histórias ancestrais e a essência do povo Yepá Mashã, a floresta e todos os seres que nela habitam, sublinhando a interconexão indissolúvel entre arte, cultura, espiritualidade e ecologia dentro dessa comunidade indígena.

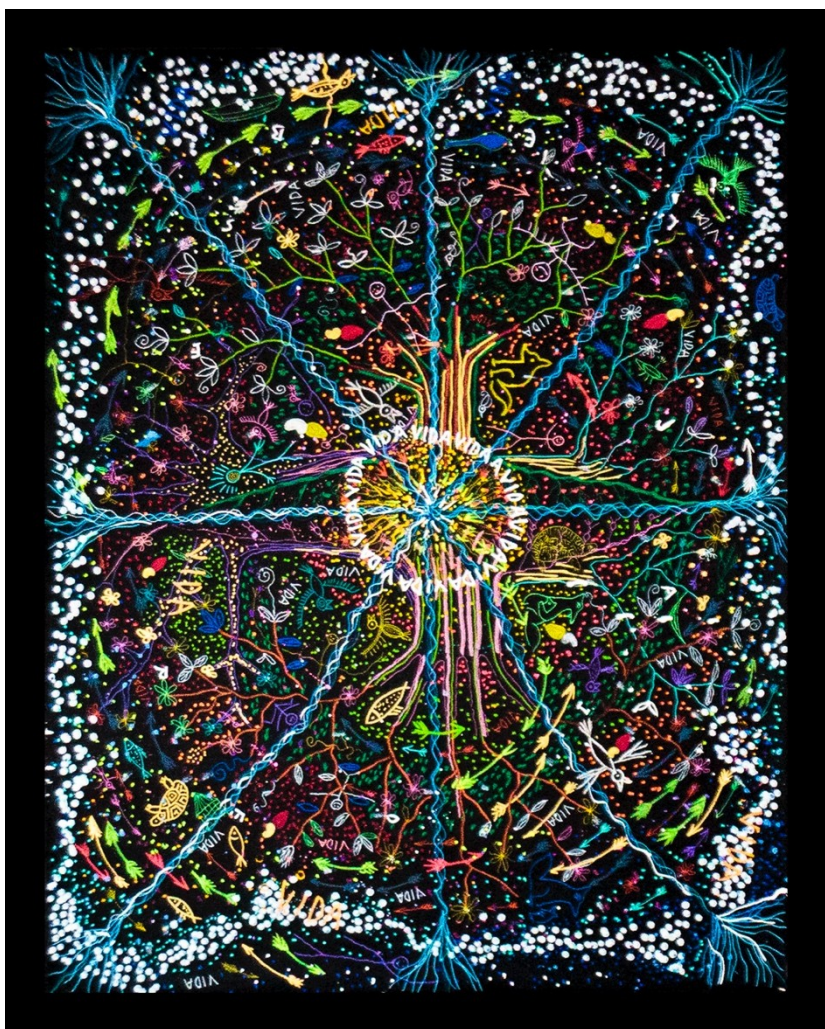


Figura 1: “A contínua energia da vida”. Jaider Esbell (2020). Imagem capa do livro AITP (2023).

A preservação das expressões artísticas indígenas enfrenta desafios no contexto contemporâneo devido à interação com sociedades não indígenas e à pressão da globalização (Silva, 2002). Proteger o conceito Hori e manifestações culturais similares é essencial não apenas para a diversidade estética, mas também para a diversidade cultural e autodeterminação indígena, aspectos

cruciais para a sustentabilidade cultural global (Unesco, 2003). Organizações de direitos indígenas colaboram com comunidades nativas para proteger e promover suas expressões culturais (Langdon, 1999). A estética Hori, integrada ao mosaico cultural indígena brasileiro, incorpora elementos visuais e valores de respeito à natureza, destacando a interdependência entre humanos, ambiente e espiritualidade (Castro, 1998). Valorizar essa estética não apenas preserva uma expressão artística única, mas também sublinha a importância da diversidade cultural e espiritual, reforçando abordagens inclusivas para a preservação cultural.

Ao rejeitar a filosofia dualista que contrapõe preservação *versus* progresso e natureza *versus* cultura, desafiamos a temporalidade moderna do período colonial, que ainda molda nossa percepção dos dilemas contemporâneos. Através da lente do modelo descolonial, advoga-se pela superação dessas dualidades, permitindo soluções inovadoras para desafios climáticos e sociais. A teoria descolonial antropofágica não representa um retrocesso, mas sim um movimento estratégico focado na sustentabilidade e na economia circular. Essa abordagem reestrutura nossas bases epistemológicas, integrando saberes para criar paradigmas sustentáveis e justos. Aplicando o conceito Hori, valorizamos o patrimônio imaterial brasileiro e reforçamos identidades culturais por meio de práticas sustentáveis.

Ao rejeitar a filosofia dualista que contrapõe preservação *versus* progresso e natureza *versus* cultura, este trabalho questiona a temporalidade moderna, marcada pela lógica cartesiana, que, desde o período colonial, estrutura nossa percepção contemporânea. Fritjof Capra (2017), em *O ponto de mutação*, observa que essa fragmentação promovida pelo dualismo cartesiano, ao estabelecer divisões rígidas entre razão e não-razão, consolidou-se como um mecanismo de legitimação do poder, influenciando não apenas o que é reconhecido como conhecimento válido, mas também a experiência estética e os modos de pensar e produzir. Esse paradigma, centrado na ideia de controle e dominação sobre a natureza, contribuiu diretamente para as crises ambientais, sociais e culturais da atualidade. No livro supracitado, Capra discute como o pensamento cartesiano, ao dividir razão e emoção, espírito e matéria e sujeito e objeto, criando as bases para uma visão mecanicista do mundo. Essa visão fragmentada sustentou práticas de dominação da natureza e de controle social que, segundo o autor, são responsáveis por muitas das crises sistêmicas que enfrentamos hoje.

Além disso, Capra argumenta que essa fragmentação afeta profundamente a forma como percebemos e estruturamos as áreas do conhecimento, influenciando campos como a ciência, a economia e até a estética. A ideia de que apenas conhecimentos baseados na razão são legítimos marginalizou abordagens integrativas e espirituais, o que reforça o controle e a exclusão de outras formas de produção de saberes e experiências.

Nesse contexto, a abordagem descolonial emerge como uma alternativa que supera essas dicotomias, promovendo soluções integradoras para os desafios climáticos e sociais. A teoria descolonial antropofágica não se apresenta como um retorno ao passado, mas como uma estratégia de ruptura epistêmica voltada à sustentabilidade e à economia circular. Essa perspectiva reformula as bases do conhecimento ao integrar saberes diversos, estabelecendo paradigmas mais justos e equilibrados. A aplicação do conceito Hori, nesse cenário, reforça o valor do patrimônio imaterial brasileiro, ao mesmo tempo em que fortalece identidades culturais por meio de práticas baseadas em uma sustentabilidade que transcende os limites impostos pela modernidade fragmentada.

A intersecção entre arte, filosofia e antropologia abre um espaço fértil para explorar filosofias não eurocêntricas, como a filosofia Hori, que integra o ser com o cosmos, desafiando a estética grega tradicional. A filosofia grega, com Platão e Aristóteles, enfatiza a razão e a forma, influenciando duradouramente a cultura ocidental e promovendo um pensamento dualista e antropocêntrico. Em contraste, a estética Hori une arte, espiritualidade e natureza, promovendo sustentabilidade e harmonia ecológica (Crutzen, 2002; Klein, 2014). A filosofia Hori sugere uma prática holística e descolonial, valorizando saberes indígenas e desafiando a hegemonia estética ocidental. Esta filosofia, ao enfatizar a experiência vivencial e a interdependência de todas as formas de vida, propõe uma nova epistemologia para enfrentar crises contemporâneas, integrando conhecimento ancestral com tecnologias modernas para promover sustentabilidade e inovação cultural. O projeto AITP exemplifica essa integração, utilizando tecnologias digitais para documentar e reinterpretar tradições culturais, fortalecendo comunidades e promovendo diversidade cultural como patrimônio cultural imaterial (PCI), essencial para enfrentar desafios como mudanças climáticas e globalização.

Percepção sensorial e conhecimento: integração da espiritualidade na estética

A *Aesthesis* grega e a filosofia Hori apresentam visões fundamentalmente distintas sobre a função e o significado da percepção sensorial no conhecimento e na experiência estética. Na tradição grega, especialmente em Aristóteles, os sentidos são considerados a janela através da qual a realidade é acessada, proporcionando as bases para o conhecimento empírico. Aristóteles postula que o conhecimento começa com a percepção sensorial e, através da abstração, leva à formação de conceitos universais. Por exemplo, a observação de múltiplos casos de beleza conduz à ideia de “beleza” como uma qualidade universal (Aristóteles, 2008). Contrastando com essa visão, a filosofia Hori, conforme praticada pelos indígenas brasileiros, enquadra a percepção sensorial dentro de um contexto muito mais amplo, que inclui experiências transcendentais e espirituais. A experiência de “miração” é uma vivência na qual a percepção sensorial é intensificada e profundamente integrada com o espiritual e o místico. Essas visões não são meramente sensoriais, mas são entendidas como revelações do mundo espiritual que fornecem conhecimento não apenas sobre o mundo natural, mas sobre o cosmos como um todo (Langdon, 1992). Esta experiência contradiz a ênfase grega na racionalidade e na objetividade, destacando uma abordagem holística e integrada.

A integração da espiritualidade na percepção estética é outra área na qual as diferenças entre a *Aesthesis* grega e a filosofia Hori são evidentes. Na tradição grega, especialmente no pensamento platônico, existe uma clara distinção entre o material e o espiritual, com a esfera espiritual frequentemente vista como superior e mais verdadeira. Platão, em particular, desconfiava das artes porque acreditava que elas imitavam as aparências e, portanto, distanciavam as pessoas das formas ideais e verdadeiras. Para Platão, a verdadeira beleza só poderia ser apreendida pelo intelecto e não pelos sentidos, como ele expõe em *A república* (Platão, 2006). Em contraste direto, a filosofia Hori não faz tal distinção entre o sensorial e o espiritual. A estética é vivenciada como uma extensão da experiência espiritual, na qual cada aspecto sensorial da experiência estética é simultaneamente uma comunicação com o divino ou o transcendental. A beleza, nesse contexto, é inseparável da experiência espiritual, com cada forma artística ou natural vista como uma manifestação do sagrado. Essa visão é exemplificada na prática de pinturas corporais e rituais, que são tanto esteticamente apreciadas quanto profundamente espirituais (Castro, 1998).

Essa visão dualista, que privilegia o intelecto sobre os sentidos, perpetuou a ideia de que o valor de uma obra de arte depende de sua capacidade de se conectar ao plano inteligível, frequentemente associado a critérios racionais e intelectuais. Essa concepção ainda ressoa na estética contemporânea, na qual a validação de uma obra está frequentemente vinculada à sua conformidade com padrões epistemológicos ocidentais hegemônicos.

A visão platônica, tal como descrita em *A república*, estabelece uma separação clara entre o inteligível e o sensorial, posicionando o primeiro como superior. Esse dualismo moldou uma tradição que associa o valor da arte à sua inteligibilidade, muitas vezes identificada com racionalidade, lógica e valor moral (Theis, 2024). Platão argumentava que a arte, enquanto imitação, afastava os observadores das formas ideais, conferindo-lhe um caráter inferior e enganoso. Esse paradigma, embora crítico na filosofia clássica, apresenta limitações para compreender as manifestações artísticas contemporâneas e aquelas baseadas em epistemologias não ocidentais, como a filosofia Hori.

Essa concepção, no entanto, apresenta desafios no contexto da arte contemporânea e de sua inserção nas universidades. As práticas artísticas atuais frequentemente subvertem a hierarquia estabelecida entre o inteligível e o sensorial, explorando dimensões sensoriais, emocionais e espirituais que se distanciam dos critérios platônicos de inteligibilidade. A arte contemporânea, marcada por uma pluralidade de linguagens, frequentemente propõe diálogos que envolvem subjetividades, identidades e transcendências que não se limitam ao campo racional, mas que também abraçam o sensorial e o simbólico como fundamentos para a construção de significado.

Nas universidades, esse confronto se manifesta na tensão entre abordagens tradicionais, fundamentadas em paradigmas ocidentais racionalistas, e práticas artísticas emergentes que incorporam epistemologias não ocidentais, como a filosofia Hori. Essas práticas desafiam os padrões hegemônicos ao propor uma visão mais inclusiva da arte, em que o sensorial e o espiritual são integrados, ressignificando o papel da estética na construção de saberes. Ao transcender as limitações da visão platônica, a arte nas universidades torna-se um espaço de experimentação e de resgate de outras formas de conhecimento, promovendo um diálogo entre tradição e inovação que enriquece o debate acadêmico e cultural.

A rejeição do paradigma platônico na filosofia Hori não implica uma simples inversão de valores, mas uma transformação epistêmica que reposiciona a arte como veículo de experiências espirituais e culturais. Ao adotar uma perspectiva integrada, práticas como a filosofia Hori não apenas desafiam os critérios tradicionais de validação estética, mas também oferecem novos caminhos para a compreensão da arte em suas dimensões sensoriais e simbólicas. Isso é particularmente relevante no contexto acadêmico, no qual os padrões normativos frequentemente marginalizam práticas artísticas baseadas em epistemologias não ocidentais, restringindo o campo da estética a um domínio racionalista e intelectualizado.

Essa ruptura com os paradigmas hegemônicos amplia as possibilidades do discurso estético contemporâneo, especialmente ao incluir abordagens que reconhecem o valor de epistemologias locais e integradoras. Ao propor uma articulação entre o sensorial e o espiritual, a filosofia Hori não apenas ressignifica o papel da arte, mas também legitima manifestações que transcendem os limites impostos pela tradição ocidental. Assim, a filosofia Hori se posiciona como uma alternativa viável para repensar a estética em um mundo que valoriza a pluralidade cultural e o diálogo transdisciplinar.

Ao se desvincular dessa lógica dualista, a filosofia Hori desafia o paradigma platônico dominante e enfrenta resistência como uma experiência estética legítima. Essa oposição evidencia os limites da visão platônica na apreciação da diversidade estética global e destaca a necessidade de revisitar os critérios que determinam a validação de uma obra de arte. Incorporar abordagens não clássicas, como a filosofia Hori, permite ampliar o discurso contemporâneo sobre estética, valorizando epistemologias locais e integradoras. Assim, a experiência estética deixa de ser categorizada apenas pela inteligibilidade, tornando-se um fenômeno profundamente enraizado na vivência cultural e espiritual.

A comparação entre a *Aesthesis* grega e a filosofia Hori revela diferenças profundas na forma como cada tradição concebe a relação entre os sentidos, o conhecimento e a espiritualidade. Enquanto a tradição grega enfatiza a separação entre o conhecimento sensorial e a verdade intelectual, a filosofia Hori apresenta um paradigma integrado, no qual o sensorial e o espiritual são mutuamente

enriquecedores. Essas diferenças destacam não apenas a riqueza das abordagens não clássicas à estética, mas também a importância de incluir essas perspectivas no discurso filosófico contemporâneo, enriquecendo o entendimento da estética e da percepção em um contexto global.

Considerações finais

Este estudo conclui que o AITP exemplifica a aplicação prática da “opção descolonial” em arte, sugerindo novas direções para futuras pesquisas em práticas artísticas como ferramentas de resistência social e cultural. O projeto AITP representou uma intervenção cultural significativa em resposta à crise sanitária global provocada pela COVID-19. Este estudo acadêmico buscou não apenas documentar as respostas artísticas à pandemia, mas também contribuir para a evolução teórica na intersecção entre arte, tecnologia e descolonialismo. Nesse contexto, duas inovações conceituais se destacam: a introdução do descolonialismo antropofágico e a definição da estética Hori como uma contribuição para construção de uma nova filosofia da arte brasileira.

A articulação deste novo conceito teórico, descolonialismo antropofágico, neste trabalho, reflete um esforço para engajar criticamente com a colonialidade do poder e do saber. Inspirado pelo legado do antropofagismo cultural de Andrade (1928), o descolonialismo antropofágico proposto aqui busca devorar e transformar os legados coloniais em uma nova episteme que valoriza saberes marginalizados. Este projeto tem sido um espaço vital para o exercício dessa nova teoria, promovendo uma prática de decolonialidade que é profundamente enraizada no contexto brasileiro e, ao mesmo tempo, dialoga com movimentos globais por justiça epistêmica.

A definição da estética Hori como filosofia da arte brasileira é outro ponto crucial deste estudo. Essa estética, extraída das práticas e cosmovisões dos povos indígenas brasileiros, oferece uma forma radicalmente nova de conceber a arte, que desafia as normativas ocidentais e incorpora uma visão de mundo que é intrinsecamente conectada ao espiritual, ao ecológico e ao comunitário. Ao promover a estética Hori, este trabalho não apenas contribui para a revalorização das tradições indígenas, mas também para a redefinição de paradigmas artísticos no Brasil e no mundo.

A análise das obras produzidas sob a influência desses conceitos revela uma inclusão da filosofia Hori no discurso acadêmico, representando um passo crucial em direção a uma compreensão mais abrangente da estética e da filosofia. Ao reconhecer e integrar essas práticas filosóficas indígenas, podemos não apenas desafiar as narrativas ocidentais dominantes, mas também oferecer respostas mais eficazes e sustentáveis aos desafios contemporâneos, especialmente àqueles relacionados à interação humana com o ambiente e a sustentabilidade. Assim, este artigo defende a necessidade de uma abordagem mais inclusiva na academia, que reconheça a riqueza e a profundidade da filosofia Hori e outras tradições não ocidentais.

Este estudo conclui que a arte, quando entrelaçada com teorias descoloniais e digitais, pode oferecer respostas únicas para crises globais, atuando como uma ferramenta poderosa para a conscientização e a mudança social. A inclusão do descolonialismo antropofágico e da estética Hori na discussão acadêmica não apenas enriquece o debate sobre a descolonização da arte e das práticas culturais, mas também abre caminhos para novas formas de pensar e praticar a arte no século XXI.

Como parte das perspectivas futuras, planejamos estabelecer o projeto de extensão e pesquisa “Almanidades Digitais”, focado na interseção da tecnologia digital com saberes ancestrais sob a perspectiva da filosofia Hori. Além disso, visamos a criar um laboratório de pesquisa Hori, dedicado ao estudo e à promoção dessa filosofia. Esse laboratório funcionará como um núcleo de inovação e desenvolvimento, proporcionando um espaço para colaboração transdisciplinar entre acadêmicos, estudantes e a comunidade, integrando arte, ciência e tecnologia em prol de uma relação mais profunda e respeitosa entre humanidade e natureza.

As implicações deste estudo apontam para um rico campo de possibilidades na interseção entre descolonialismo, estética e práticas contemporâneas de criação artística e cultural. A continuidade do trabalho, exemplificada pela proposta do projeto “Almanidades Digitais” e pela criação de um laboratório de pesquisa Hori, deve priorizar a integração dessas epistemologias em práticas concretas de ensino, criação e difusão artística. O projeto futuro busca não apenas expandir as discussões teóricas apresentadas, mas também consolidar um espaço experimental no qual as interações entre arte, espiritualidade e sustentabilidade sejam exploradas em contextos digitais e

presenciais. Ao propor um laboratório dedicado, reforça-se o compromisso com a aplicação prática dos conceitos discutidos, permitindo a construção coletiva de saberes que dialoguem com comunidades locais e acadêmicas.

Além disso, a integração dos conceitos de serendipidade e indisciplinaridade foi essencial para os avanços metodológicos e reflexivos alcançados no projeto AITP. A serendipidade, ao permitir que conexões inesperadas emergissem durante o processo criativo e investigativo, revelou-se uma abordagem central para superar limitações de paradigmas tradicionais. Já a indisciplinaridade possibilitou que o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento transcendesse as fronteiras disciplinares, permitindo a construção de um modelo de pesquisa verdadeiramente integrador. Essas metodologias serão aprofundadas nos projetos futuros, promovendo a inovação no campo da arte e da estética enquanto reafirmam o papel do sensorial e do espiritual na construção de paradigmas mais inclusivos e holísticos.

Este estudo inicial visa a estabelecer uma base para futuras análises detalhadas sobre a filosofia Hori e sua aplicação em práticas culturais contemporâneas. Convidamos a comunidade acadêmica a aprofundar as implicações e aplicações desses conceitos, explorando sua relevância em diversos contextos culturais e artísticos, e avaliando seu potencial para influenciar políticas públicas e práticas educacionais, promovendo uma compreensão mais abrangente e diversificada da arte e da cultura.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Bruce. **L'esprit de la forêt**. Arles: Actes Sud; Paris: Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, 2003.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. **Revista de Antropofagia**, São Paulo, a. 1, n. 1, maio 1928.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Paulus, 2008.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CATELLIN, Sylvie; LOTY, L.; REIS, Patrícia Carvalho. Tradução: Serendipidade e indisciplinaridade. **Trans/Form/Ação**, v. 47, n. 2, p. e0240021, 2024.
- CATELLIN, Sylvie; LOTY, Laurent. *Sérendipité: du conte au concept*. Paris: Seuil, 2014.

CASTRO GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

CRUTZEN, Paul. (2002). **"Geology of Mankind."** Nature, v. 415, p. 23-23, 2002. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/415023a>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Mil nomes de gaia: do antropoceno à idade da Terra**. Porto Alegre: Cultura e Barbárie, 2014.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

ESBELL, Jaider. Arte indígena contemporânea: arte e inovação em tempos de pandemia. In: WARD, Rodolfo (Org.). **Cadernos do Ceam 37**: arte e inovação em tempos de pandemia 2 – "Artes Visuais". Brasília: Universidade de Brasília, 2022. P. 273-282.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1986.

HARAWAY, Donna. **Pensamento tentacular**: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/44290451>. Acesso em: 05 abr. 2024.

KLEIN, Naomi. (2014). **"This Changes Everything: Capitalism vs. The Climate."** New York: Simon & Schuster, 2014. 566 pp. ISBN 978-1-4516-9738-4.

LANGDON, Esther Jean. **Os sons da cura**: música e xamanismo em uma perspectiva ameríndia. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

LOTY, Laurent. L'invention du transformisme par Rétif de la Bretonne (1781 et 1796). **Alliage**, n. 70, p. 31-46, 2012.

MOORE, Jason W. **Capitalism in the Web of Life**: Ecology and the Accumulation of Capital. London: Verso, 2015.

NOLASCO, Edgar Cézár; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Teorização Descolonial: esboço para uma introdução. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 1, n. 27, p. 27-36, jan./jun. 2022.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 6, 1989.

OLIVEIRA, Raquel Cecília de. Experiências Descoloniais: estudos e práticas. **Qual a diferença entre decolonial e pós-colonial?** Belo Horizonte: UFMG, 2024. 1 vídeo (4 min e 22 seg). Publicado por: OLIVEIRA, Raquel Cecília de. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OFu6qVqeEXc>. Acesso em: 04 abr. 2024.

SANTOS, Beatriz Werneck Lopes; MOREIRA, Daniel Carneiro; BORGES, Tatiana Karla dos Santos; CALDAS, Eloisa Dutra. **Components of Banisteriopsis caapi, a Plant Used in the Preparation of**

the Psychoactive Ayahuasca, Induce Anti-Inflammatory Effects in Microglial Cells. *Molecules*, v. 27, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/molecules27082500>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SANTOS, Laymert Garcia. **Projeções da terra-floresta: o desenho-imagem yanomami**. In: ANJOS, Moacir dos (Org.). *Pertença – Cadernos SESC_Videobrasil 8*. São Paulo: SESC, 2012-2013. Disponível em: <https://www.laymert.com.br/yanomami>. Acesso em: 18 abr. 2024. (sem paginação).

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier/Montaigne, 1969.

TUKANO, Daiara. As mirações de Daiara Tukano. **Amazônia real**, fev. 2023. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/especiais/daiara-tukano/>. Acesso em: 08 abr. 2024.

ULLOA, Astrid. A era do ser humano: vivemos no Capitaloceno? **Goeth Institute**, 2019. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/kos/21539326.html>. Acesso em: 28 out. 2023.

VENTURELLI, Suzete. Arte computacional no contexto da pandemia. In: R. Ward (Ed.). **Arte e inovação em tempos de pandemia**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2023. P. 81-90.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 1998.

WARD, Rodolfo. **Cadernos do Ceam 37**: arte e inovação em tempos de pandemia 2 – “Artes Visuais”. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

WARD, Rodolfo. **Arte e inovação em tempos de pandemia**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2023.

NOTAS

1 Esta pesquisa foi realizada com financiamento da Lei Aldir Blanc, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF), Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do Tocantins (Adetuc), Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília (UnB), Editora do Senado Federal Brasileiro (Segraf) e Governo Federal Brasileiro por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia-MCTI.

2 Haraway (2017) introduz o Chthuluceno, propondo uma narrativa que ultrapassa as abordagens tradicionais do Antropoceno, ao enfatizar a importância das interações multiespécies e das práticas de se-tornar-com. Essa perspectiva reconhece que os humanos não são os únicos agentes no palco global; todas as formas de vida, desde corais até líquens, são cruciais para a sustentabilidade da vida na Terra. O Chthuluceno destaca a colaboração e a interdependência entre as espécies, exemplificado pelo papel dos corais na consciência ambiental, mostrando como o aquecimento global e a acidificação dos oceanos afetam a vida marinha. Esse conceito enfatiza a complexidade do sistema terrestre e a necessidade de histórias que reflitam uma compreensão mais profunda do planeta, desafiando a simplificação e a categorização e promovendo uma reflexão sobre como os humanos podem ser melhores guardiões de todas as formas de vida.

3 Jaider Esbell, um artista indígena contemporâneo, explora a interseção de práticas tradicionais e expressões artísticas modernas. Seu trabalho enfatiza a importância de manter o patrimônio cultural enquanto aborda questões contemporâneas. As contribuições de Esbell são fundamentais para destacar a resiliência e a criatividade das comunidades indígenas durante a pandemia. A obra de Esbell incorpora elementos da cosmologia indígena, usando cores vibrantes e formas simbólicas, que remetem às tradições e histórias de seu povo. Esbell utiliza a pintura como um meio de reconexão com suas raízes culturais, oferecendo uma visão crítica sobre a marginalização das comunidades indígenas. Através da arte, ele desafia a invisibilidade imposta pelo colonialismo e a modernidade, criando um espaço para a resistência cultural.

4 Ayahuasca is a psychoactive and medicinal drink made primarily by boiling *Psychotria viridis* and *Banisteriopsis caapi* plants. It has a long history of use among Amazonian natives and has been adopted by Christian and shamanic groups in recent times. Research indicates ayahuasca and *B. caapi* could help treat various central nervous system disorders, including depression, PTSD, drug addiction, Parkinson's disease, and Alzheimer's. The β -carboline alkaloids in *B. caapi*, which are key to ayahuasca's biological effects, inhibit the DYRK1A enzyme linked to neurodegenerative diseases, increase BDNF levels in rats' hippocampus, and promote neurogenesis in vitro (Santos; Moreira; Borges; Caldas, 2022).